

A CERCA E O PASTO

É Domingo de Ramos, acabei de almoçar e sento-me na varanda ao sol, a ler o jornal. A Reia, minha cadela de estimação, ao ver-me, aproxima-se mais da porta da cerca, como que a dizer-me: abre-me a porta que quero sair. Em breve abrir-lhe-ei a porta e ela sairá. A liberdade que ela tem ainda é limitada, está no quintal e não consegue sair para a rua porque o portão está fechado.

Atravessa-me então outro pensamento. Muitas das vezes ela está solta no quintal e o portão da rua está aberto, ela sai e passado algum tempo volta a entrar como se retornasse ao seu lar. Admiro-me e penso com os meus botões: o que faz a cadela retornar mesmo tendo toda a liberdade do mundo para sair? Porque regressa a casa? Chego à conclusão que o que a mantém connosco não é a cerca, mas o pasto! O portão pode abrir-se, ela pode voltar a sair, mas retorna para o sítio de onde abalou porque sente que é bem tratada e mostra fidelidade ao seu dono.

Extrapolando isto para as nossas relações familiares, de trabalho ou sociais, nós também só temos a fidelidade das pessoas quando não as pressionamos, não as políciamos, quando lhes damos liberdade, e nós quando temos liberdade, normalmente regressamos a casa ou ao sítio onde fomos bem tratados e somos felizes. Ou seja, a verdadeira felicidade vem do nosso interior, não do exterior.

E tal como a Reia é bem tratada e sai espontaneamente para a rua, para depois regressar, nós também temos essa prerrogativa divina, de que o que nos mantém, na realidade, alinhados com Deus não são as restrições, mas a liberdade de viver a vida em toda a sua plenitude, com o propósito de obter crescimento anímico, que é o verdadeiro alimento do espírito. É este crescimento anímico que nos liga mais intimamente a Deus, da mesma forma que é o pasto, e não a cerca, o responsável pelo constante retorno da Reia a casa.

Se escolhemos esta via, devemos ter a força de vontade indispensável para não hesitar no caminho, independentemente das circunstâncias que se nos apresentem. De braço dado com a vontade, está a *pistis*, ou seja, a fidelidade ao Divino interno que habita em nós, a tal fé que é capaz de remover montanhas.

O animal dentro de nós também se educa e domestica, e deve estar sempre ao serviço da nossa natureza superior. O corpo físico, o corpo de desejos e a mente são instrumentos do espírito, e é o espírito que os deve controlar nunca o contrário.

Agradece a Deus todos os dias, mesmo que não saibas porquê; Ele sabe!

António Ferreira
2021-03-31